

LETRAMENTO LITERÁRIO NAS SÉRIES INICIAIS: UMA REFLEXÃO PRÁTICA

Michele Cristine Silva de Sousa (UERJ)
michele.sousa29@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem como tema o letramento literário nas séries iniciais. Visa analisar a importância do letramento literário na escola (com ênfase no ensino fundamental), proporcionando um contato com variados gêneros em prol da formação do aluno em um leitor maduro e crítico. O estudo em questão mostrará que muitas escolas preferem utilizar textos não literários, com a finalidade de aproximar os alunos da leitura, ainda que não apresentem textos canônicos no seu currículo. Será utilizado como referencial teórico o livro *O texto na sala de aula*, de GERALDI (2012), que enfatiza a relevância do texto no universo escolar, de COSSON (2014), que, através do artigo “Letramento literário: uma proposta para a sala de aula”, aborda a questão dos textos canônicos no processo de letramento escolar e das Orientações Curriculares Nacionais (2008) que reservam um capítulo destinado à discussão do letramento literário e sua importância em sala.

Palavras-chave:

Cânone. Letramento literário. Sala de aula.

1. Introdução

O letramento literário pressupõe apropriação efetiva de um determinado gênero, com vistas à fruição, ou seja, não basta saber ler, mas o que conta é a experiência estética proporcionada pela obra. Como mencionam as Orientações Curriculares Nacionais (2002, p. 55): “tratar-se, prioritariamente, de formar o leitor, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito”.

Esse direito não pode ser negado por ninguém, muito menos pela escola, vista como a principal agência de letramento literário existente, pois proporciona em seu locus, oportunidades (ainda que pequenas) de experiências estéticas diversificadas entre os alunos.

Importa destacar que uma boa quantidade de leituras, possibilitará ao aluno tornar-se um leitor experiente, que se entrega à obra e as suas possibilidades de interpretação. Esse prazer estético moldará um novo leitor mais crítico, autônomo e humanizador. Para tanto, é necessário que a leitura de tais obras, seja em um primeiro momento individual, para depois ser realizada de forma coletiva.

Pretende-se com isso, proporcionar em um primeiro momento o encontro efetivo entre o leitor e o texto, possibilitando-o fruir através da obra, das informações imanentes presentes no artefato. Já o segundo momento pressupõe que existirá uma troca de conhecimentos entre os leitores, entre as suas percepções e vivências sobre a leitura efetiva dos textos.

A escolha de determinadas obras, fora da escola, por parte dos alunos, tem sido feita de forma anárquica, isto é, livre de sistemas de valores ou de controles externos. Para eles importa ler o que está sendo veiculado nas mídias sociais e nas conversas e rodas de amigos. O cânone, com esse efeito, acaba ficando em segundo plano, pois para muitos discentes representa uma leitura muito difícil, fora de seus gostos e princípios.

2. As Orientações Curriculares Nacionais e a leitura de textos literários no Ensino Fundamental

O Ensino Fundamental (segundo segmento) reserva uma formação menos sistemática e mais aberta do ponto de vista das escolhas, misturando livros de literatura infanto-juvenil e de cânones destinados ao público adulto (BRASIL, 2008, p. 61). Isso mostra que os jovens dessa etapa de ensino leem livros de literatura à sua maneira, sem se preocupar com os padrões rígidos impostos pela leitura dos textos dentro da escola.

Ao chegar ao Ensino Médio, o mesmo aluno deixará de ler aleatoriamente e irá se “aventurar” em aulas que prezam pela história e estilos da literatura, com fragmentações de obras como exemplários (BRASIL, 2008, p. 63). Essa problemática no Ensino Médio pode resumir-se a três tendências que se configuram como deslocamentos ou “fugas” do contato direto do leitor com o texto literário. De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais (2008, p. 64) é:

- Substituição da literatura difícil por uma literatura considera mais digerível;
- Simplificação da aprendizagem literária a um conjunto de informações externas às obras e aos textos;
- Substituição dos textos originais por simulacros, tais como paráfrases ou resumos (OSAKABE; FREDERICO, 2004, p. 62-3).

Essas três “fugas” do contato direto do leitor com o texto, mostram que o cânone é renegado a adaptações, ao estudo de fragmentos que não conseguem por si só, dizer toda a essência da obra. Esse quadro apenas será alterado se a literatura tiver dentro da escola um lugar concreto e formativo, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, pois o processo é um contínuo que não pode ser interrompido entre uma etapa e outra. O professor deve explorar, ao máximo, os textos com os alunos. Segundo Cosson (2014):

Ao professor cabe criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos. (COSSON, 2014, p. 29)

Desta forma, o docente deve contribuir para que o encontro entre alunos e textos seja um hábito em suas aulas, e não em momentos esporádicos e eventuais, através de metaleituras. Importa reconhecer que cada leitura realizada por esse leitor será única, logo quanto mais leituras ele fizer, mais maduro estará dentro do letramento literário.

A leitura de obras literárias deve se pautar na diversidade de gêneros, com abordagens que privilegiem autores dos mais variados períodos da história literária. Isso extrapola o universo da metaleitura, que apenas estuda aspectos individuais da obra, sem se preocupar com a leitura diversificada e, muito menos com a fruição que ela pode proporcionar ao leitor. Importa salientar, que o ambiente escolar deve ser propício para a leitura dos alunos, possibilitando trocas entre os participantes-leitores. De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais, o projeto pedagógico com vistas à formação do leitor de literatura deve incluir:

A estruturação de um sistema de trocas contínuo, sustentado por uma biblioteca com um bom acervo e por outros ambientes de leitura e circulação de livros. (BRASIL, 2008, p. 81)

Assim, o ensino da literatura no Ensino Fundamental caracteriza-se por uma formação menos sistemática e mais aberta do ponto de vista das escolhas. Os jovens, nesse segmento, leem literatura à sua maneira e de acordo com as possibilidades que lhes são oferecidas. Eles iniciam sua formação pela literatura infanto-juvenil, em propostas ficcionais nas quais prevalecem modelos de ação e de aventuras.

É possível observar um declínio da experiência do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, com textos ficcionais, que aos poucos cede lugar à história da literatura e seus estilos. Em decorrência disso, os discentes acabam estudando trechos fragmentados das obras.

2.1. A pedagogização da literatura na escola

A literatura proporciona ao aluno experimentar e expressar o mundo através das palavras, em um processo de apropriação do que se lê, sem didatização/pedagogização do texto. Isso mostra que a escola ainda insiste em trabalhar a leitura de textos literários como algo cristalizado, e de que “letrar-se” literariamente teria o sentido de apropriar-se do ler, escrever e ascender culturalmente por meio dela. Dentro dessa pedagogização, pergunta-se o que seria literatura e quais obras são consideradas canônicas. De acordo com Cosson o cânone é composto de:

Um conjunto de obras valorizadas ao mesmo tempo em razão da unicidade da sua forma e da universalidade (pelo menos em escala nacional) do seu conteúdo. (COSSON, 2014, p. 33)

Percebe-se que o cânone se faz em relação a seu caráter universal e a sua forma, ou seja, para ser canônica a obra precisa estar enquadrada na tradição literária e representar um valor para a sociedade. Esse valor representa a literariedade, ou seja, o que faz de uma determinada obra uma obra literária, ou simplesmente sua essência que é a de desarranjar as formas habituais de percepção do leitor, levando-o ao estranhamento.

Esse processo relacionado à leitura implica troca de sentidos, não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados. Essa construção de sentidos é única e individual, isto é, cada pessoa percorrerá um caminho da leitura, que somados à visão de mundo de cada um, serão diferenciados. Assim para Cosson, o bom leitor é:

Aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário. (COSSON, 2014, p. 27)

Esses leitores leem de tudo, sem se preocupar com o que é canônico ou não; para eles importa ler por afinidade, por gosto, com temas que se aproximam do seu universo.

O professor mediante o exposto, tenta introduzir nas leituras os textos canônicos, por compreendê-los como melhores dos que os da atualidade. De acordo com Cosson (2014, p. 35): “O letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não”. É essa atualidade que gera a facilidade e o interessa da leitura dos alunos. Para tanto, o docente deve trabalhar com obras diversificadas, pois representam outras perspectivas e representações do mundo. Sendo necessário, partir

daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, ampliando assim, seus horizontes de leitura.

2.2. Modos de compreender a leitura na escola

O leitor deve extrair as informações que deseja do texto, processando as construções de sentido, naquilo que está interessado em buscar. Esse processo de leitura realizado pelo usuário é algo social, ou seja, o significado deixa de pertencer apenas ao leitor, mas antes é controlado pela sociedade. Ainda segundo Cosson (2014, p. 40), existem três modos de compreender a leitura: ela pode ser um processo de antecipação, decifração e interpretação:

- Antecipação: são as várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto, propriamente dito.
- Decifração: relacionado à familiaridade que o leitor tem com as palavras do texto.
- Interpretação: relação estabelecida pelo leitor quando processa a leitura do texto.

Para tanto, faz-se necessário, de acordo com Cosson (2014, p. 48), sistematizar as atividades de literatura em duas sequências: uma básica e a outra expandida, procurando integrar três perspectivas metodológicas: oficina, andaime e portfólio.

- Oficina: atividade que proporciona o aprender a fazer fazendo.
- Andaime: o professor atua como um andaime, dividindo com os alunos as atividades.
- Portfólio: registro das atividades realizadas.

Desta forma, o professor deve ter como objetivo formar dentro da sua sala de aula uma comunidade de leitores. Importante mencionar que esse trabalho de formação de leitores deve ser realizado em todas as séries da escola, iniciando no Ensino Fundamental e se estendendo até o Ensino Médio.

2.3. Práticas de leitura na sala de aula e a postura do leitor

A leitura em sala deve pleitear o estudo de diversos textos, com um enfoque em três práticas, que Geraldini menciona (2012, p. 88): leitura de textos, produção de textos e análise linguística. De acordo com o au-

tor, na prática escolar, instituiu-se uma atividade de linguagem artificial, ou seja, as relações entre locutor e interlocutor são simuladas, pois não se assumem os papéis efetivamente, ou seja, os professores e os alunos têm suas posições marcadas no discurso. Por serem simuladas, a escola acaba contribuindo pela formação de simulações que podem ser comprovadas através da:

- Simulação da escrita: não se escrevem textos na escola, mas redações.
- Simulação de leituras: não se leem textos na escola fazem-se análises de textos e suas interpretações.
- Simulação da análise linguística: a escola apenas aplica os dados preexistentes (GERALDI, 2012, p. 90).

Essas simulações são tentativas de leituras/escritas orientadas por professores para aproximar os alunos das atividades práticas. Todavia, não prezar pela leitura de textos canônicos, em detrimento de uma literatura mais próxima do aluno, é renegar o conhecimento ao aluno, pois a diversidade de textos deve contemplar o estudo de diferentes textos e épocas. De acordo com Geraldi:

A prática de análise linguística é a recuperação, sistemática e assistemática da capacidade intuitiva de todo falante de comparar, selecionar e avaliar formas linguísticas e por práticas de produção de textos o uso efetivo e concreto da linguagem. (GERALDI, 2012, p. 91)

Essa prática de análise linguística deve ser realizada com textos canônicos ou não, possibilitando ao aluno se apoderar de diversos estilos de texto. Do contrário, o docente que pretende trabalhar apenas com textos não canônicos estará contribuindo para que existam na escola três práticas, que se configuram nas práticas escolares de leitura da literatura como deslocamento/fuga do contato do leitor com o texto: Substituição da literatura difícil por uma literatura considerada mais fácil; Simplificação da aprendizagem literária a um conjunto de informações externas às obras e aos textos e substituição dos textos originais por simulacros, tais como paráfrases ou resumos (OSAKABE; FREDERICO, 2004, p. 62-3).

Uma outra vertente importante no processo de leitura é a postura assumida pelo leitor perante ao texto. Segundo Geraldi (2012, p. 91-97), são posturas do leitor ante ao texto: a leitura como busca de informações; a leitura como estudo do texto; a leitura do texto como pretexto e a leitura como fruição do texto.

a) A leitura como busca de informações: Tem que responder aos seguintes questionamentos: Para quê extrair informações? Ensinamos para quê? Os alunos aprendem para quê?

Em termos metodológicos, esse tipo de leitura deve buscar informações com roteiro previamente elaborado, isto é, lê-se o texto para responder questões estabelecidas e buscar informações sem roteiro previamente elaborado, ou seja, lê-se o texto para verificar que informação ele dá. Assim, dois níveis de profundidade podem ser perseguidos: extrair informações da superfície do texto ou extrair informações de nível mais profundo.

b) A leitura como estudo do texto: O autor propõe um roteiro para o estudo do texto, a saber: tese defendida no texto; os argumentos apresentados em favor da tese defendida; os contra-argumentos levantados em teses contrárias e a coerência entre tese e argumentos.

c) A leitura do texto como pretexto: O texto pode ser utilizado como um pretexto (para dramatizações, ilustrações, etc.), seria a definição da própria interlocução que se estabelece.

d) A leitura como fruição do texto: O autor defende o ler por ler, gratuitamente. Informa-se para informar-se, pelo prazer gratuito de estar informado. É necessário recuperar três princípios: o caminho do leitor; o circuito do livro e que não há leitura qualitativa no leitor de um livro.

Além disso, as Orientações Curriculares Nacionais mencionam que é através da troca de impressões, de comentários partilhados, que vamos descobrindo muitos outros elementos da obra.

3. Considerações finais

A leitura de textos literários na escola é uma atividade que deve se iniciar no Ensino Fundamental e se estender até o Ensino Médio, possibilitando um verdadeiro letramento literário que preze pela diversidade de textos, desde os canônicos até os mais atuais. Essa atividade deve ser desenvolvida no âmbito escolar, mais especificamente na biblioteca ou em cantos de leitura dentro da escola, com boas qualidades de obras diversas disponíveis para o leitor.

Esse contato é muito relevante, pois nesses locais o leitor terá acesso à obra na íntegra, diferentemente do livro didático que proporcione

ona textos fragmentados e um forte apelo para a didatização do processo, através de estilos dispersos pela linha do tempo da literatura, como se o estudo simples da reta pudesse possibilitar a completude da aprendizagem sobre a literatura.

Observa-se que existem algumas posturas do leitor ante ao texto: a leitura como busca de informações; a leitura como estudo do texto; a leitura do texto como pretexto e a leitura como fruição do texto. Esses posicionamentos devem ser aprimorados pelo professor e pelos alunos, que juntos possibilitarão o desenvolvimento do Letramento literário de forma crítica, principalmente primando pela diversidade de gêneros que se faz necessário na prática de leitura escolar. Para tanto, os envolvidos no processo de leitura (alunos e professores) não podem abdicar de leituras de textos canônicos, mas devem primar por elas, mesclando com a literatura considerada contemporânea pelos alunos.

Desta forma, percebe-se que o professor é o principal agente letrador em sala de aula, por esse motivo, é tarefa dele impulsionar seus alunos para leituras de textos diversos, de estilos e autores diferenciados. Criado o ambiente letrador da sala, o docente pode mesclar suas atividades com uma literatura mais contemporânea, sempre mostrando ao aluno, outras possibilidades de leitura dos textos clássicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, MEC. *Orientações curriculares para o Ensino Médio*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso dia 3/08/2018.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. UNISP. Disponível em: <http://www.acervo.digital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso dia 5 de agosto de 2018.